

## O HOMEM COMO POSSIBILIDADE (\*)

Ernst Bloch

Vamos iniciar com um tema que tem pouco valor mas que é vigoroso e possui diversos matizes. Vamos tratar dos sonhos.

Ordinariamente, usa-se considerar apenas o sonho noturno. Mas não sonhamos unicamente ao longo da noite. O dia também está cheio de sonhos. Sem dúvida, até agora o sonho diurno não tem sido objeto da mesma cuidadosa investigação pela qual tem passado o sonho noturno. Contudo, nos círculos oficiais considera-se o sonho diurno como simplesmente introdutório ao noturno. Não obstante, há grandes diferenças entre ambos, sobretudo pelo fato de que o eu não desaparece no sonho diurno. Pelo contrário, durante este o eu se encontra presente de forma muito ativa e não exerce nenhuma classe de censura. O resultado é que os desejos funcionam melhor e mais visivelmente no sonho diurno que no noturno. De dia, os desejos não estão disfarçados senão que se manifestam abertamente, sem pejo nem inibição; mais ainda, fazem-no muitas vezes com atrevimento, sem negar-se a gratificação.

As ruas estão cheias de gente com sonhos diurnos. Pelas vitrinas das lojas forma-se uma sinfonia com todos eles: o sapato elegante, o sofisticado traje de noite, a lavadora automática, a cadeira de balanço e todo esse conjunto de objetos aos quais há que se juntar uma casa fantástica para colocá-los. Em poucas palavras, é um mundo no qual as coisas são conseguidas quase sem esforço, obtendo-as por prazos modestos, como se fossem castelos construídos no ar.

Mas, por outro lado, é preciso ter em conta também o fato de que muitos dos "castelos-no-ar" do dia de hoje se convertem nos palácios, nas cidades, e inclusive nas formas da sociedade de amanhã.

---

(\*) Homenagem ao filósofo Ernst Bloch, por ocasião de seu 90º aniversário.

Sem dúvida, pode-se estudar um pouco mais detidamente esta última afirmação, convertê-la em uma antecipação calculada: absolutamente nada que se fez grandioso no curso da história chegou a sê-lo sem ter sido **esboçado** de antemão, o que, depois de haver-se esboçado, repensado e de ter alcançado assim certo grau de madureza, não tenha sido **planejado** com antecipação. Pessoas completamente diferentes ( Bismarck e Lenine, por exemplo ) conceberam projetos grandiosos. E Lenine, em sua sobriedade, lamentava-se uma vez de que tudo possuía sonhando, mas que tudo morria a um movimento seu.

As **idéias** coexistem facilmente umas com as outras. As **coisas**, ao contrário, se atritam e chocam no espaço. Mas as coisas também existiram alguma vez no reino do pensamento, ao menos no papel, por exemplo. E este não está somente submetido, mas pode-se considerá-lo também como o campo de manobras da imaginação.

Repito: as coisas se atritam e chocam no espaço. Mas, qual é a relação entre o ambiente do sonho diurno e sua realização madura e responsável ? Na maioria dos casos estamos rodeados de obstinação. O mundo que rodeia nossos sonhos não só demonstra que é contrário a eles, como também discorde, discorde e evidentemente desproporcionado com os nossos sonhos. O mundo é como uma ducha de água fria para o sonho. O mundo se regula mediante forças de oposição procedentes do ontem e do anteontem. Para piorar a situação, o velho não quer desaparecer e o novo não deseja chegar a sê-lo.

## 1. O DESTINO ORDINÁRIO DE UM SONHO

Nesta situação, o sonho se converte em um simples sonho no sentido mais desafortunado da palavra; e se o consideramos em um sentido pejorativo, o sonho não é mais que uma utopia. Este é o destino ordinário do sonho. Mas uma coisa é reconhecer este fato, e outra completamente distinta, não querer distanciá-lo, senão, pelo contrário, render-se a ele. Como dizia Goethe: "A terrível dúvida dos pensamentos covardes nem distancia a miséria nem nos faz livres".

Isto quer dizer: "resiste ao mal !", esse mal que nos tem visitado não deve converter-se em obstáculo insuperável. As coisas não devem chegar ao ponto em que a massa fermentada não se possa levantar, senão que queira continuar sendo azeda. A loucura solitária não deve ser o instrumento com que façamos frente ao mal.

A realidade não tem um tamanho determinado. O mundo não se encontra acabado, todavia. É possível enfrentar o mundo de uma maneira que vá mais além de um simples ajustamento, mas que não deixa de ser derrotista, oportunista ou quietista. “Aceitar as coisas como são”, não é uma fórmula empiricamente válida. Não é positiva, mas, pelo contrário, é uma fórmula que conduz à vulgaridade, à covardia e, por último, à pobreza.

Quais são estas coisas — estes componentes do processo a que chamamos fatos? Estão mudando. Foram formados. Por isso são mutáveis. Sempre existe a possibilidade de que uma coisa se converta em outra distinta do que é. Por conseguinte, em um sentido difícil pode-se supor que o azar rege o mundo e que há lugar para a contingência, amplo lugar para o “princípio de indeterminação” físico ou, mais significativamente, para o “princípio de indeterminação” histórico.

Que “as coisas podem ser de outra maneira” significa precisamente isso, na direção do mal ( que há de evitar-se ) ou na direção do bem ( que deve ser buscado ).

Há muitos graus de realidade. Não existe uma compulsão inevitável que governe independentemente de nós. A realidade não se justifica a si mesma. Melhormente, significa uma abertura para o futuro dentro do qual — e agora mais que nunca se cumprimos nosso dever — há uma imagem e um lugar para o progresso como distanciamento do mal.

A realidade é uma categoria submetida à flexibilidade e que está obrigada a mudar. Apresenta-se como simples e sólida. Ordinariamente considera-se que o realista é o homem que conhece para onde vai: que se mantém firme com os pés em cima da terra. É, desde logo, uma caricatura, como também é a caricatura oposta do sonhador.

Thomas Mann disse que os escritores são pessoas às quais o escrever custa-lhes bem mais que aos outros. A comparação pode ser aplicada a outros terrenos. Os filósofos são pessoas às quais o pensar lhes custa muito mais que aos outros. Certamente, em cada caso, fez falta pensar muito para chegar ao conceito definitivo.

Considera-se que o visível é aquilo que tão claro está como a luz do dia. Precisamente da aceitação desta idéia originaram-se as dúvidas e incertezas ao longo da história do pensamento. Por exemplo, na primitiva filosofia grega, a vara enfiada n’água aparecia dobrada; mas, na realidade estava reta. A autora da filosofia ocorreu quando se começou a duvidar dos sentidos.

Referindo-se às coisas tão claras como a luz do dia, Anaxágoras afirma — embora não tenha desenvolvido suficientemente este pensamento — que o semelhante não percebe o semelhante. Por exemplo, o olho deve ser escuro para poder perceber a luz; o corpo deve estar frio para perceber o calor. Sobre esta base, chega-se a entender por que a percepção vai acompanhada de um sentimento de desagrado.

## 2. A FLECHA DISPARADA PERMANECE IMÓVEL

Por esta razão, os eleáticos e o próprio Parmênides não consideram o poder dos sentidos, mas ao contrário, o **pensamento**, como a luz clara. O pensamento garante a realidade posto que, segundo as bem conhecidas provas de Zenão, não há movimento, ainda quando nossos sentidos o percebam. Na realidade, a flecha disparada permanece imóvel.

Conseqüentemente, o pensamento e a existência estão formados da mesma substância, a saber, do **espírito**. É verdade que esta característica não pertence a todo pensamento. O pensamento que se deriva da mera opinião ou do erro, é **mito** no sentido pejorativo do termo. Para poder unificar o pensamento e a existência há que criticar-se o primeiro. Aqui surge o ceticismo, não apenas no que respeita aos sentidos, senão também no que respeita ao pensamento. Entram em conflito os sofistas e Sócrates.

Só na filosofia então — só na investigação das idéias — há verdade. Esta existe não apenas até o ponto em que o pensamento e a realidade se tocam, saúdam-se e se sustentam reciprocamente, senão também, na correspondência entre os diferentes graus de claridade no pensamento e os diferentes graus de realidade na existência.

Assim surge a sucessão. Desta maneira a realidade **chega a ser**. A existência pode ter gradações. Uma coisa pode **ser** menos que outra. A existência se debilita quando é rebaixado o grau de pensamento. O pensamento mais alto não é simplesmente incapaz de decepcionar; é, ao mesmo tempo, a realidade mais alta.

Tal estado da questão não mudou na história da filosofia até Kant: cem dólares de prata reais não são mais que cem dólares de prata possíveis. O valor monetário dos dólares de prata — cor, forma, valor etc. — considera-se como uma qualidade. Mas a existência não é uma qualidade. Só quando a existência perdeu seu **status** lógico dentro deste discutível esquema, ou melhor,

desde que deixou de construir-se logicamente, apenas desde então discutiu-se a **comparabilidade** do ser, ainda quando persista na linguagem e se mantenha na filosofia até Leibnitz, Hegel e Marx.

Se a superestrutura ( isto é, a brumosa reflexão "nas nuvens" ) é mais débil que a infra-estrutura ( as condições econômicas que, em forma de direito, arte, religião e filosofia se refletem na camada superior ), disto não segue a necessidade de que em certa maneira a superestrutura não exista. Pelo contrário, uma falsa consciência pode existir e ser menos real que a infra-estrutura. Então aqui se pode comparar o ser-herança de Platão e do escolasticismo.

### 3. ALGO, QUANTO MAIS É, TANTO MAIS É

A prova ontológica da existência de Deus no escolasticismo é incompreensível fora da equação platônica do valor e do ser. Uma coisa, quanto mais é, tanto mais é. Para Anselmo de Canterbury, o ENS PERFECTISSIMUM é valioso: o SUMMUM BONUM, uma existência, "quo maius cogitari non potest". Esta é a situação no tempo de Leibnitz cuja "grandeur de la réalité" coincide com a perfeição.

Supostamente, também existe o contrário do anteriormente dito. Não se formula, senão muito mais tarde, com Schopenhauer, cujo pessimismo se opõe ao otimismo da linha de Platão, Anselmo, Leibnitz e Hegel. Schopenhauer afirma que uma coisa, quanto mais é, tanto menos é: o mais tênue sucede neste mundo, ou não sucede do todo. De qualquer forma, sofre impacto, está acochado de moléstias, é pequeno e desimportante. O ECCE HOMO ! é, pois, um juízo sobre a realidade. Mas a elevação não conduz a ser mais, senão, pelo contrário, conduz até o nada, ou seja, ao nirvana.

No exemplo de Schopenhauer podemos ver uma inversão. Contudo, permanece ao mesmo tempo a proporção inicial: o pensamento e o ser se correspondem mutuamente. Pode-se iluminar e fazer o mundo inteligível, graças ao pensamento, porque o mundo é carne de sua carne ou, com maior exatidão, espírito de seu espírito.

O ponto de retorno crítico origina-se noutra lugar, concretamente através de Descartes e Leibnits. A ORDO AETERNUS RERUM que havia sido assumida como um **dado** no mundo medieval, perde suas características catedralícias. Dali em diante a realidade não se construirá com movimento ascendente em direção ao SUMMUM BONUM. Pelo contrário, é um fenômeno

de luz — uma iluminação. As mônadas são cidadãs do século XVIII. Pertencem à raça que se esforça por sair da obscuridade para a luz.

As pedras dormem, as plantas sonham, os animais se agitam nos sonhos como se quisessem despertar e o homem está desperto. Uma grande iluminação — um despertar grandioso — produz-se em todo o mundo ! O tempo invade a catedral ! A hierarquia vertical do real, une-se a sucessão horizontal. ( Por suposto, a hierarquia também permanece ). A conjunção ocorre de tal maneira que se produz uma ascensão, uma evolução, que não se reduz ao simples descobrimento da fruta já madura depois de haver rompido a dura casca. Pelo contrário, já que a luz produz propriedade de penetração, realiza-se o NOVUM. Só a mônada suprema, chamada Deus, é luminosa por si.

Este racionalismo total irrompe outra vez mais adiante ( como se os sofistas houvessem surgido de novo ) em razão de certas incertezas sobre a maneira de entender a realidade. Em Locke e Hume dá-se uma distinção entre sujeito e objeto na esquematização reflexa da realidade.

A consciência de que a realidade consiste no eu e em seu objeto, a **Zustandlichkeit** e **Gegenstandlichkeit**, sempre é operativa ou está latente na história da reflexão. Até agora, o sujeito não havia sido o lugar preciso das ilusões. Para Locke, as qualidades primárias são peso e impulsão, espaço e tempo; o calor, o tom, o gosto ou o sentimento estão em nós e são qualidades secundárias. No caso de Hume não apenas se dá uma profunda investigação das cores e das percepções sensoriais, senão também das categorias, como a substancialidade e a causalidade. O ceticismo se produz em razão da aparência contraditória da substancialidade. O mesmo acontece com a causalidade: com que direito se transforma um POST HOC em PROPTER HOC ?

Kant, o Sócrates deste ceticismo, não elimina todas estas dúvidas, senão que as coloca no quadro conveniente. A percepção transcendental devolve o lugar à substancialidade e à causalidade: o mundo dos fenômenos, não o mundo das coisas em si. Pode-se conhecer esse mundo de um modo ininterruptamente determinista. É o mundo das ciências naturais, o mundo real, dentro do qual reina uma ordem indestrutível ainda que sem marcas de liberdade, imortalidade, nem de Deus. Estas realidades “noumênicas” não se pode encontrá-las no mundo da ciência, nem do conhecimento em sentido estrito. E a coisa em si mesma ( DING-AN-SICH ) é inalcançável, convertida em mero conceito limite.

Mas neste ponto se produz uma rara ruptura, algo completamente diferente, uma coisa que não é de todo real mas que tão pouco é

ilusória ou irreal. Esta coisa indestrutível se acha em todos nós, inclusive no mundo da total condicionalidade no que nem sequer tem lugar a mente humana. Há idéias do incondicional ( e o incondicional não é o mesmo que o Absoluto em sentido ordinário ), o incondicionalmente indeterminado, isto é, talvez, a liberdade.

#### 4. REALIDADE SEM REALIDADE

Em nós há idéias morais. Não têm lugar no mundo da realidade mecânica ( o único mundo cognoscível, o único no qual se pode agir estritamente de acordo com a razão ). Há outro mundo — distinto, enigmático, fora do outro — o qual não está determinado, ou pelo menos não o está totalmente. Nele há lugar para a liberdade e para a esperança humanas, que não são reais nem cognoscíveis em sentido empírico. Apesar de tudo, é possível conceituá-las. Aqui se situam os postulados de acordo com os quais se pode **atuar** segundo as perguntas das três **Críticas**: “O que posso conhecer ?”, “O que devo fazer ?”, “O que posso esperar ?”.

As duas últimas perguntas não têm cabida no mundo da realidade sensível. Apesar disso, não carecem de sentido. Pelo contrário, têm-no muito profundamente. Todavia, são as únicas que o têm.

A separação entre o mundo fenomênico e o noumênico acaba com Hegel. O mundo se converte de novo em leibniziano; é unitário e total. O verdadeiro e o real são idênticos. O sujeito não existe para dizer uma palavra no processo do mundo senão para compreender o referido processo de acordo com o movimento que o invade todo.

A realidade adquire desta forma uma amplitude muito maior da que tinha na concepção de Leibnitz. Na introdução à FENOMENOLOGIA, Leibnitz afirma, usando palavras de **Nathan** de Lessing: o verdadeiro e o real não constituem moeda cunhada em uma só peça, pronta para o uso; mas a-verdade-é-um-processo, é verdade como realidade.

Voltamos novamente a Parmênides; a unidade de pensamento é ser que está regulada pelo processo cósmico que tudo abarca. A seguinte frase do prefácio à **Filosofia do Direito**, de Hegel, mede suas dimensões: o que é racional é real, e o que é real é racional.

## 5. O DEFEITO DA RAZÃO

Algo mudou nesta inversão categórica. Trata-se de uma ideologia de pazes com a realidade. Quer dizer, se todo o que é real é racional, então tudo está virtualmente em ordem. Com este fundamento, aos estudantes da época, que se rebelaram contra a Santa Aliança, poder-se-ia haver-lhes dito: a aliança é razoável que o melhor que poderiam fazer é compreendê-la desta maneira. A primeira afirmação: todo o racional é real, é tão revolucionária como é conservadora a segunda: todo o real é racional. Desta maneira, também é real tudo o que se refira à razão ( "la raison" ) e tudo o que chegue a ser "la raison". A beleza do argumento fica ofuscada por um pequeno defeito: isto não ocorre, ou, pelo menos, não tem ocorrido. Eu proponho que se remova o defeito.

Assim, as frases hegelianas representam a esquerda e a direita. Apesar de tudo, a formulação total indica um retorno à "iluminação" no sentido de Leibnitz: fora do ser-em-si ( **An-sich-Sein** ) por meio do ser-fora-de-si ( **Ausser-sich-Sein** ) ao ser-em-e-por-si ( **An-und-für-sich-Sein** ). Sem dúvida, existe uma limitação: novamente o processo do real é simples aparência. É mera evolução. Só se desenvolveu o que sempre existiu.

A dialética hegeliana, que conta com uma rica história, tem muito em comum com a explicação de uma "regra na lousa". É um problema pedagógico. É questão de esclarecer à consciência humana ou, dito politicamente, ao limitado intelecto servil — quão gloriosamente, depois de tudo, está ajustado o mundo.

Por esta razão, no prefácio da **Filosofia do Direito** está contida a seguinte frase: quando a filosofia pinta suas cores cinzentas sobre o cinzento, uma figura de vida envelheceu; com cinzentos sobre cinzento não se pode rejuvenescer a figura, senão simplesmente conhecê-la. A coruja de Minerva não começa a voar até que se aproxime o crepúsculo.

A idéia chega sempre muito tarde. A força revolucionária do conceito — isso que Hegel descreve maravilhosamente como "tirar do espírito do mundo as castanhas do fogo" — fica de novo mitigada pelo encanto da anamnese que atravessa a história, desde Platão até Hegel, e que continua mais além. De acordo com o filósofo alemão, todo conhecimento é a recompilação das idéias primordiais que a alma apreciou antes da encarnação. Não há nada

novo debaixo do sol, debaixo deste problemático sol da recompilação. O que se queria provocar já “era” de alguma maneira. Não há surpresa nem futuro genuíno.

Hegel não tem muitas “bondades” para dizer do futuro. Para ele é palha e vento, bruma e névoa, mas nada real. Para ele, o mundo está terminado. O espírito do mundo “desce da diligência” no preciso momento em que ele, o professor Hegel, entra no auditório ( ou na aula ) da Universidade de Berlim.

Mas isto não se podia manter. É uma idéia que só poderia haver sido concebida em um manicômio. Ademais, a escola esquerdista hegeliana, sobretudo através de Karl Marx — um de seus membros — fez uma vez mais séria proposição à margem da dialética.

A realidade dialética é a realidade criticando-se a si mesma. Nela aconteceram verdadeiramente coisas novas. Coisas que nunca haviam ocorrido a homem algum. A dialética é o “cânion” crítico do próprio mundo. Não é o simples monólogo consigo mesmo do espírito do mundo, no curso do qual o espírito recorda amavelmente suas próprias configurações.

Estabelece-se a dialética como um método crítico — um método mordazmente crítico de sublevação — primeiro algo vai acontecer ( o que ocorre não se limita a uma cabeça ou se produz unicamente debaixo de um gorro de dormir ); e segundo: ao saber alguém que classe de contradições está acontecendo ( o que-fazer utópico-ir em busca de coisas que nunca haviam existido antes ), tem os pés na realidade, concretizando-se e mediando no mundo.

Só desta forma, neste importante processo auto-analítico de mediação, há abertura em direção do futuro, o futuro genuíno que representa algo mais do que um simples ir adiante de nós. Só assim se podem realizar mudanças concretas. Na décima-primeira tese de Marx sobre Feuerbach, pode-se ler:

“Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de modos diferentes; sem dúvida, o problema agora consiste em mudá-lo”.

## 6. AS COISAS PRECISAM DE NÓS

Mas este processo de mediação deve concretizar-se para que não reste vazio, como acontece freqüentemente com as ações heróicas ou as

utopias abstratas. Deve ser completamente histórico. Colher algo que “foi” significa colhê-lo não como “o foi” — não como algo que já chegou a ser, que já está feito — senão como algo que chega a ser, que se está fazendo. É apreendê-lo como uma coisa que não desenvolveu definitivamente, que busca o que lhe pertence e que, sobretudo, precisa do homem para realizar todas as potencialidades pendentes no processo do mundo: o trânsito desde o reino da necessidade até o da liberdade.

Algo está oculto na realidade que necessita levar-se a cabo. Entendido transcendentemente como Deus criador, ou de forma panteísta como espírito do mundo, é como o próprio homem. Por esta razão, Marx pode dizer que Prometeu é o santo e o mártir mais nobre de todo o calendário da filosofia. O homem, ativo e subjetivo, deve harmonizar-se com o movimento objetivo da realidade. Ele há de escutar, com sentido quase musical, o movimento da realidade e perguntar: “em que direção é preciso tocar a melodia?”.

Eu afirmo que o mundo está aberto, que uma possibilidade objetivamente real existe nele e que não se acha simplesmente determinado pela necessidade nem submetido a nenhum determinismo mecânico. A intuição marxista degenera-se novamente no rígido fetiche: primeiro, por causa de sua depreciação excessiva do homem individual, e segundo, pela sua noção de que o processo do mundo quase pode seguir adiante sem nós, arrastando-nos pelos cabelos ( valha a expressão ), queiramos ou não mover-nos.

Daqui entendermos que o marxismo não haja subministrado uma garantia de existência de um futuro genuíno, nem de uma abertura igualmente genuína. Engels escreveu **O Desenvolvimento do Socialismo da Utopia à Ciência**. O título é preciso. Existe um progresso que vai desde a utopia abstrata até a ciência. Mas também, de certa maneira, um progresso extrapolado desde a utopia à ciência que leva à supressão de todos os sonhos, antecipações e esperanças. Com efeito, esta postura nega a existência com sentido de pioneirismo de que nós, seres humanos, somos portadores na fronteira mais avançada do processo do mundo.

A abertura até o futuro é uma grande categoria com certo caráter de madrastra. É preciso chegar mais além do horizonte, à aquela difícilíssima esfera da realidade, à esfera do NOVUM. E esta não é a realidade que está presente ( **Vorhanden-Sein** ), nem tão pouco a realidade em processo ( **im Prozess Sein** ), senão a realidade do “todavia-não” ( **noch nicht Sein** ). Esta é a esfera do NOVUM, o lugar de onde se medem as ações, o reino do medo assim como a da esperança.

## 7. UM EMPREENDIMENTO SEM PRECEDENTES

Há que se olhar o mundo como uma tarefa, como um modelo, como um empreendimento para o qual não há modelos que seguir. O caráter inconcluso do mundo faz que a ciência seja necessária, essa ciência especulativa e metafísica que possui uma sensibilidade capaz de captar o céu, que entende que a construção do mundo acontece no céu, sendo que o edifica nesse lugar. É uma classe de ciência que abarca o azul da abóbada celeste e os raios ultravioletas. Ao mesmo tempo deve-se reconhecer que aquilo que, de ordinário, chama-se de realidade, acha-se rodeado de um gigantesco oceano de possibilidade objetivamente real. A possibilidade não é um disparate. É um conceito que podemos definir com exatidão: é condicionalidade parcial. O mundo não está completamente determinado; em certo grau está aberto, como as condições meteorológicas de amanhã. Em ambos os casos há fatores que não conhecemos todavia ou que, talvez, ainda não existam. Por isso amanhã pode chover ou fazer um dia muito agradável. Vivemos rodeados de possibilidade e não somente de coisas que existem ( *Vorhandenheit* ). No cárcere das "coisas-já-existentes" não podemos mover-nos nem respirar.

Estou-me aproximando da conclusão. Aludindo novamente à conhecida distinção entre o sujeito e objeto, o "ser-que-todavia-não-é" ( *noch nicht Sein* ) manifesta-se de duas maneiras: primeiro, como algo que todavia não é consciente, e segundo, como algo que todavia não chegou a ser. O todavia-não-consciente em nós, o pré-consciente criativo em nós, representa isso que contudo não chegou a ser **objetivamente** tanto quanto a "futuridade" genuína está ali contida. Se assim não é, trata-se simplesmente de uma ilusão ou de um disparate.

Também ( e com freqüência se interpreta mal ) o todavia-não-consciente pode ser o já-não-mais-consciente que reside no profundo da consciência, esquecido ali, esperando a desapareição final ou um novo chamamento.

Incluso na cúspide da consciência, há um todavia-não-consciente que ainda não está em circulação, mas que é visível: na juventude, nas mudanças temporais e na produtividade. Nestas três circunstâncias o conteúdo do todavia-não-consciente é o maior. Nessas condições ótimas de oxigênio o fogo produz a maior quantidade de calor.

Em primeiro lugar, a juventude está cheia dele. Algo está aqui latente, e tem toda uma vida por diante. Isto é a juventude, pelo menos se não volta a cabeça para trás. A juventude genuína tem tudo à frente dela e considera esse fato. Consagrou-se ao novo, ainda que independentemente dos conteúdos do novo.

Em segundo lugar, as mudanças temporais: o velho não quer desaparecer e o novo não quer chegar. Mas algo está acontecendo. Os tempos estão engravidados; a sociedade está grávida, e uma criança quer nascer. A antiguidade, o renascimento, o movimento alemão STURM UND DRANG, o século XVIII: são épocas de transformações temporais. Todas estas épocas estão sobrecarregadas do todavia-não-consciente.

Por último, se nossas universidades querem conservar as velhas de uma obra que não havia existido antes, seja política, musical, poética ou religiosa, mas banhada na aurora do futuro e não no crepúsculo. Este estado de produtividade é como a aurora, e brilha com força especial em casos como Goethe, por exemplo, no qual se produzem simultaneamente os três fenômenos: a juventude, a mudança temporal e a produtividade.

A utopia é o lugar onde aparece o todavia-não-consciente. O conceito de utopia não só foi concebido em termos negativos, senão que também ficou restrito à fábula política ou utopia social. Certamente é um aspecto, é o lugar ancestral do pensamento utópico: Platão, Thomas Morus, Campanella, Fourier, Saint Simon, Robert Owens e tantos outros. São tentativas magníficas para traçar uma sociedade melhor ou para coordenar os sonhos de uma vida mais perfeita. Mas o conceito não se esgota aqui. Intentei demonstrar que ele se encontra em todas as partes; a vida humana, a história e a cultura estão cheias dele: nos esboços arquitetônicos ( nos quais a utopia se converterá em realidade ); nos sonhos diurnos, tecnológicos ou médicos; na ficção científica ( como por exemplo na NOVA ATLANTIS de Bacon ); nos panoramas da pintura, da música e da poesia; nas tradições de Arcadia, dos Campos Elíseos e do Paraíso, até o ponto do qual se pode dizer: **“Verweile doch, du bist so schön”** ( segues tardando, és tão bela! ).

São estas as ervas frescas que podem ser receitas contra o elemento antiutópico mais severo, contra a própria morte. Estes antídotos, por exemplo, são os sonhos de uma existência íntegra, de uma imortalidade através da obra de arte e do descanso, as utopias religiosas de cima a baixo, os sonhos projetados até o futuro, os misteriosos desejos: QUOMODO DEUS HOMO ? Como podemos consegui-lo ? Isto é saudável em sentido médico e pode

estender-se a outro sentimento redentor: o antídoto contra a morte, a ressurreição e a vida eterna ( em todas as grandes religiões ) aplicado a algo que contudo inexistente, algo ainda em reserva, uma coisa possível, "esses tesouros que nem a ferrugem nem a traça podem corromper!".

Apesar de todas as covardias, apesar de todos os instrumentos de escravidão, apesar de todas as consolações da "outra vida", apesar da distribuição injusta dos bens deste mundo em correspondência com uma justa distribuição dos bens celestiais, apesar de tudo isto ( o que pode certamente suceder ), há lugar para a consciência e para a obrigação utópicas. A esta altura extrema é preciso não ser mal interpretado com fins ideológicos, senão que é preciso eliminar tudo quanto possa ser mal usado, de modo que sejam possíveis sempre a igreja, a religião e inclusive o ateísmo.

O todavia-não-chegado-a-ser é algo que está pendente no processo do mundo — nos procedimentos físicos, médicos, judiciais e teológicos — e não é possível opormos-nos a ele ou subjulgá-lo; sempre está em suspenso. O substrato do real ferve no fogo dialético. É preciso fazer realidade a essência, em um mundo que não conhece o caminho para conseguir isto e que, por conseguinte, precisa do homem.

## 8. DECISÃO PARA O INDECISO

O homem toma a decisão em favor do indeciso, do que é tão indeciso, que quando Moisés lhe perguntou como devia chamá-lo, Yavé respondeu: "Eu serei o que serei".

Esta é uma primitiva determinação mitológica ( e, ao mesmo tempo, pós-mitológica ) da essência. É uma que corresponde ao caráter verdadeiro da realidade. É uma determinação que não propõe nenhum "no porvir", nenhum "acima", senão, em seu lugar, um possível "ante nós".

Aristóteles disse que a substância é o "ser-em-possibilidade", a cera é a possibilidade da figura. A substância, possibilidade passiva para o mesmo Aristóteles, se fez cada vez mais ativa para os membros da esquerda aristotélica ( em especial os filósofos árabes ). Finalmente, a NATURA NATURANS encontra o homem à metade do caminho e lhe dá uma direção bem fundamentada para permitir-lhe atuar de forma criadora e concreta, com inteira seriedade; mas não lhe dá "certeza", porque isso implicaria que o mundo

estivesse já determinado; o homem há de atuar com medo ou com esperança. Estes dois sentimentos têm de ver com o que contudo não está determinado.

Por último, as nossas universidades querem conservar as velhas tradições universitárias, não podem dedicar-se com demasiada paixão às tradições visíveis em nossa sociedade ou às mudanças radicais de nosso tempo no sentido de uma abertura no futuro. Elas devem acender a luz. Sobretudo a filosofia, como disse Kant em **O Conflito das Faculdades**, deve levar a tocha adiante, e não seguir o séquito.

O socialismo e o cristianismo estão de acordo em muitos pontos, especialmente nos mais importantes. É bom que assim suceda, tanto para dar profundidade à confissão do socialismo como — e isto é mais importante — para outorgar marca de autenticidade à confissão do Cristianismo. Porque isto pode significar que começou uma nova era do Cristianismo, iluminando o caminho por contar com um foco de esperança: esse será um novo “éon” no qual o Filho do Homem se apresentará como o amanhecer e não meramente como algo “acima”. Se a salvação no evangelho é fazer-se carne — para nós aqui ou para nossos sucessores — não é suficiente que algo esteja “sobre” nós. Tem de haver aquilo que esteja diante de nós.

( Tradução do espanhol pelo Prof. J. F. Regis de Moraes )